

mas o período passou a variar de acordo com a necessidade dos componentes do time.

No período em que permanecem nos acantonamentos maoístas, os AM executam patrulhas e tarefas principais de monitoramento das armas (estocadas nos contêineres) e dos exércitos, de inspeção nos contêineres de armamentos e nas armas de segurança, bem como testemunham o pagamento do salário aos combatentes maoístas (tarefa solicitada à ONU pelo Banco Mundial).

Os componentes do NA site ficam sediados na capital (Kathmandu) e são empregados em equipes de um *Arms Monitors* e um *Language Assistant* no NA site, team site localizado no interior de uma Unidade do Exército do Nepal (Chaunni), onde estão localizados os seus catorze contêineres de armamento.

Já o *Mobile Team*, que também fica sediado em Kathmandu, tem como tarefa principal conduzir patrulha e estabelecer ligação com as unidades do Exército do Nepal, localizadas em Kathmandu ou em qualquer outra região do país. Tem também como tarefa subsidiária realizar investigações de incidentes, onde tenha ocorrido descumprimento ao AMMA&A.

Atualmente, o desafio a vencer é realizar a integração dos dois exércitos e reabilitar os combatentes maoístas que não forem aproveitados, sendo que, para concluir o processo de paz iniciado, vontade política e pressão internacional serão necessárias a fim de que o governo do Nepal avance nessa direção.



UN Team Site – localizado no interior do acantonamento maoísta (MCS)



Inspeção e controle dos armamentos estocados nos contêineres



Entrevista: Contra-Almirante (Ref^o) José Carlos Ribeiro da Silva

Pai da Érica e da Vanessa, marido da Sra. Odaléia e flamenguista “com certeza”. Entrou para a Marinha do Brasil por influência dos amigos da escola e decidiu ser Fuzileiro Naval por gostar do ar livre. Essas e outras informações foram concedidas pelo Exmo. Contra-Almirante (Ref^o) José Carlos Ribeiro da Silva, nesta bem humorada entrevista, realizada no dia 30 de setembro deste ano.

Falando com muita calma e deixando os presentes bem à vontade, o Alte ironizou alguns acontecimentos da sua vida e relembrou os principais momentos da sua carreira, dentre os quais incluiu sua missão em Angola e duas passagens pelo nosso Centro de Instrução, além da evolução que ocorreu na estrutura do CIASC.



Vossa Excelência ingressou na MB em 1964 e permaneceu no serviço ativo por mais de quarenta anos. Como Vossa Excelência descobriu na juventude a vocação para seguir a carreira naval?

Alte José Carlos - Para começar, eu descobri a Marinha por acaso. Eu era aluno do ginásio e, de repente, quando nós estávamos no 3º ano, um grupo de amigos começou a falar em Colégio Naval. Havia um amigo nosso, cujos pais eram pescadores na Ilha Grande. Nós fomos passar as férias na Ilha Grande e olhamos o Colégio Naval. “Ei, ali deve ser legal!”. No ano seguinte o grupo se juntou, na 4ª série do ginásio, e resolveu fazer o concurso. Foi assim que eu descobri o Colégio Naval, ou seja, por influência de colegas de sala de aula; porque eu não tinha a mínima noção do que era.

Dentro da formação, como Vossa Excelência chegou ao Fuzileiro Naval? Como foi a vossa escolha por essa formação?

Alte José Carlos – Eu cheguei sem conhecer o Fuzileiro Naval, só que eu sempre fui aberto para o ar livre, a parte física; e tinha os sonhos de Ícaro: eu queria ser pára-quedista, mergulhador, metido a super-homem. E naquela época só o fuzileiro poderia ser pára-quedista e mergulhador.

Como Vossa Excelência resumiria vossa passagem pelo serviço ativo na Marinha?

Alte José Carlos – Eu saí da Escola Naval querendo ser pára-quedista. Eu queria servir na RECON, na época localizada onde é hoje o Paissandu, mas, por um critério chamado endereço, quando eu me apresentei aqui, no núcleo da 1ª Divisão, perguntaram: - Quem mora em Niterói? – Levantei a mão e fui bater na Ilha das Flores, que era o destacamento especial dentro da Ilha das Flores, que depois virou Batalhão Paissandu. Tivemos um período sem cursos de pára-quedismo no CFN. O primeiro que abriu foi para aviação. Aí, eu disse: - Bota o meu nome. – Fiz todas as provas; passei. Mas, para minha surpresa, mandaram-me para Brasília ao invés de São Pedro. Pegaram um azimuth diferente; eu fui para Brasília. No ano seguinte, me inscrevi novamente; quando eu voltei de Brasília, passei e já estava desligado para São Pedro d’ Aldeia, ocasião em que disseram que eu era cardíaco (cardiopata grave) e me reprovaram na inspeção de saúde. Em seguida, me designaram para servir no Grupamento de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro. Então, foi dessa forma. Meu início não teve nada a ver com logística. Não consegui ser aviador; tentei ser pára-quedista e me consideraram mais cardíaco ainda. Como eu já estava quase morrendo, continuei na Tropa de Reforço, desempenhando trabalhos na área de Inteligência. Veio a época de ESAO e CAVANF (hoje, o CA-OCFN). Fiquei como instrutor. Quando eu me estabeleci, trabalhei muito para montar a estrutura de que o instrutor precisa. De repente, houve um incidente em Belém. Eu fui simplesmente transferido para Belém para ser Imediato do Grupamento, onde fiquei durante dois anos. Voltei para o CIASC. Fui encarregado da Escola de Operações Anfíbias e do Departamento de Administração. A Escola de Operações Anfíbias, naquela época, era parruda. Tinha vários

oficiais: eu. Acumulava as duas funções. Como era o corveta mais antigo, ficava no cafezinho com o programa de instrução na mão, esperando os oficiais passarem. O oficial passava e eu dizia: “Você vai dar esse módulo”. Aí, vinha outro, “Você vai dar esse módulo”.

O senhor esvaziou o cafezinho da Dona Beth?

Alte José Carlos – Não, mas depois o pessoal olhava e perguntava: “Ele está lá no cafezinho?” Era minha forma de recrutamento de oficiais para dar aulas. A Escola de Fileiras era simplesmente ficar no cafezinho e esperar alguém passar.

Saí do CIASC para a EGN. Saí da EGN, fui para Brasília. Fiquei servindo no SIM em Brasília, no gabinete. Aí, descobriram que eu tinha vocação logística. E chegou a época de eu comandar. Eu fiz várias compilações de comando, mas escolheram que eu tinha que comandar o Batalhão de Serviços. Então eu só passei pela porta para ir até a linha de tiro. O Batalhão de Serviços é onde hoje funciona a BFNIG. Foi assim que me vi às voltas com um problema logístico que, para mim, era um grande desconhecido. Comandei o Batalhão de Serviço e lá tive o Almirante Alexandre como Oficial de Operações e depois como Imediato. Saí do Batalhão e fui ser o G 40 da Tropa de Reforço. Saí do G 40 da Tropa de Reforço para fazer o CPEM. Do CPEM, eu vim a ser Superintendente de Ensino, aqui no CIASC, que tinha dois CMG com CPEM, naquela época, eu e o CMG Abdalla. Saí daqui e fui ser Chefe de Estado-Maior da Tropa. De lá, fui surpreendido sendo designado para ir a Angola.

Vossa Excelência participou da UNAVEM III como Chefe dos Observadores Militares. Sobre essa experiência profissional, gostaríamos de saber como Vossa Excelência se preparou para a missão?

Alte José Carlos – Foi em 1995. Quando cheguei a Angola, realmente a missão estava sofrendo uma grande transformação, porque era uma missão pequenina, que só tinha observadores, e passou a ser daquelas a que a ONU dá maior importância, maior vulto de tropa, observadores e tinha uma série de outras atividades. Foram desvinculados os observadores da missão da tropa. Esse período de transição foi o mais complicado, porque ninguém sabia efetivamente qual era a minha função. Levei pelo menos uns três meses até me situar e organizar a minha função lá na missão. Depois disso, fui percorrer aquele país de baixo a cima para organizar os Postos de Observação, que foi o que tomou mais o meu tempo. Eram 66 postos espalhados por todo o país. Isso me obrigou a ter que andar de helicóptero e naqueles aviõezinhos que a ONU contratava. Fiz em torno de 380 horas de voo. Agora, em termos de preparação, apenas recebi meu passaporte no Galeão. Qual foi a minha preparação? Não espalha, não, nenhuma. (Risos) Até a função que disseram que eu iria exercer em Angola estava errada. Disseram que eu seria Chefe de Estado-Maior. Quando eu cheguei lá, era Chefe dos Observadores. Agora, como eu me preparei, perguntando a quem já tinha participado de uma ou outra Missão de Paz. Foram: Comandante Borges, que tinha participado de Moçambique, e o Mário Márcio, que também tinha

participado de Moçambique. Foram eles que me disseram em grandes pinceladas o que eu poderia encontrar.

Então não existia preparação?

Alte José Carlos – Não, não existia. Era um grande desconhecido. Por isso, o Oficial voltava e fazia um relatório, mas o relatório caía no vácuo e se perdia. Eu procurei relatórios e não encontrei nenhum. Em termos de preparação institucional, não tinha. Felizmente, agora tem.

E depois dessa missão?

Alte José Carlos – Depois dessa missão eu voltei e, mais uma vez, o acaso começou a correr atrás de mim. Eu voltei, e a Marinha tinha feito uma reformulação no programa de comandos. Os comandos eram destinados aos Capitães-de-Mar-e-Guerra mais antigos. Com a mudança, os comandos passaram para logo após a promoção. Quando eu voltei, eu estava no meio do caminho. Tinha passado da faixa da minha turma comandar. Essa mudança ocorreu quando eu estava fora. Ao chegar, eu fui designado para ir para o Departamento de Material do Comando de Apoio. Não cheguei a assumir nenhuma função, fiquei de quarentena por receio que eu pudesse ter contraído malária na missão. Quando retornei, recebi a seguinte ordem do Comandante de Apoio: –“Você não vai entrar de férias, nem vai assumir o departamento. Você acaba de ser desligado para a FFE.” “Eu, como?” “É, está sendo criada uma base e você foi indicado para comandar.” Saí, sem nem ter chegado, me apresentei à FFE e fui preparar a Base de Fuzileiros Navais do Rio Meriti e fazer a mudança da FFE. Assim, fiquei lá nos anos de 96, 97 e 98. Em 98, final do ano, fui desligado para o Comando do Material; pensei, nessa época, que a minha carreira já estava encerrada, mas o Papai do Céu resolveu me ajudar. Foi criada uma vaga no Ministério da Defesa e abriram precocemente uma vaga de promoção a Almirante.

Mais alguma coisa a acrescentar que Vossa Excelência acha relevante na carreira?

Alte José Carlos – Os pontos que eu realmente considero relevantes são do período em que eu estive em Angola. Foi de muito trabalho, muito trabalho mesmo. Organizar, desmistificar algumas coisas que nós temos, porque a gente imagina a ONU como um organismo perfeito e, quando chega para trabalhar junto a ela, vê que é um organismo com todas as imperfeições das outras, algumas até maiores. E o outro, foi o grande desafio de mudar a FFE do Centro da cidade para Duque de Caxias, porque o desafio é que o pessoal não estava querendo muito mudar. Sair do Centro da cidade para ir para Caxias não é um bom programa. E o Almirante Mauro César, que era o ministro, estava querendo que mudasse em curto prazo. Não dava tempo para cumprir aquele prazo. A firma que ganhou a licitação para fazer a adaptação do prédio faliu no meio do caminho, então a obra teve que ser feita na base de mão-de-obra de fuzileiros. Felizmente, no final, acabou dando tudo certo. A FFE mudou com uma série de dificuldades. Para se ter

idéia, toda a FFE tinha dois telefones: um do Comandante e outro do resto do mundo. Ninguém conseguia falar com ninguém. As obras ainda não estavam terminadas, era poeira para todo lado e o rancho era emprestado do Batalhão de Engenharia.

Voltando a Angola, quais foram as dificuldades para liderar oficiais de diversos países? Em que medida as diferenças culturais interferiram no cumprimento da missão?

Alte José Carlos – Os postos de observação em Angola tinham muitas diferenças: alguns eram verdadeiros “spas”; já outros eram como se a pessoa ficasse acampada o tempo todo, não tinha água, não tinha nenhuma estrutura. Estabeleci um sistema de rodízio, mas, para isso, precisei classificar esses postos. Postos de 1ª categoria... Fiz uma classificação do tipo que a Embratur fazia com os hotéis antigamente, três, quatro, cinco ou zero estrelas. Depois de visitar todos os postos, comecei a fazer um rodízio em que o observador que estava em um posto confortável ia para o ruim e o que estava em um ruim ia para o confortável. Assim começaram todos os problemas, porque o ser humano é igual, independente de sua nacionalidade. Por exemplo: um observador que estava no posto bom, quando era movimentado para o ruim, arranjava logo uma doença, uma série de problemas para não ser movimentado. Então, estabeleci um novo critério, porque alguns observadores faziam queixa com os respectivos embaixadores. Quando o contingente começou a chegar, eu o distribuía colocando gente por país nos postos de várias categorias. E fazia as trocas dentro dos observadores oriundos de um mesmo país. A partir daí eles brigavam entre si e os problemas saíram de cima de mim. Dessa forma foi que eu comecei a organizar o serviço. Mas isso levou algum tempo e, felizmente, tive um apoio muito grande do comandante da missão, que era um General do Zimbábue. Acabamos nos afinando muito, uma pessoa realmente muito bem preparada.

As diferenças culturais e religiosas também interferiram diretamente no cumprimento da missão. Pela regra do jogo, cada posto de observação tinha de cinco a seis oficiais e não poderia ter mais de dois oficiais da mesma nacionalidade. Era uma missão com 35 países. Tinha de tudo: tinha mulçumano, hindu, hindu sick, ateu, cristão, cristão ortodoxo, que eram os ucranianos e os russos. Essa mistura realmente causava alguns problemas. Para caracterizar, eu vou contar um caso bem interessante que vivi e que me fez sair correndo numa emergência de um posto de observação lá no interior. Estava todo mundo querendo brigar com todo mundo por causa de um bife. Um major ucraniano (não sei onde ele arranjou o bife) levou para dentro do posto e colocou, na geladeira, a querosene que tinha. E tinha um outro major indiano, que considerou aquilo uma ofensa grave. Queria que ele jogasse o bife fora. O ucraniano, para manter a harmonia do time, jogou o bife fora, aí o indiano quis que ele enterrasse o bife lá não sei onde, o ucraniano enterrou o bife. Não satisfeito com isso, o indiano queria que jogasse a geladeira fora, pois a geladeira estava contaminada. Houve uma revolta dos outros todos contra esse major indiano. E eu tive

que sair correndo para lá, colocar o major indiano junto comigo embaixo do braço e mandar outro substituir. Isso caracteriza bem como as diferenças religiosas e culturais interferem na harmonia dos observadores. Outra dificuldade que tinha era pré-requisito para participar da missão como observador que falasse inglês e que fosse habilitado como motorista. Um determinado país, que eu não vou declinar o nome, chegou com 22 observadores dos quais atendendo dois requisitos só tinham três. O restante, ou não falava inglês, ou não dirigia. E vários não faziam as duas coisas. Pela regra do jogo, deveriam ser repatriados e substituídos. Por questões diplomáticas me mandaram fazer uma escolinha de motorista para aqueles que não dirigiam. Eu montei a escolinha de motorista: destruíram logo três carros e não aprenderam a dirigir. E aí eu perguntei: “E agora, como é que eu vou fazer esses caras falarem inglês em duas semanas? Dá um jeito.” Conclusão: esses caras viraram um peso morto. Alguns deles iam para o posto de observação e o trabalho deles era simplesmente servir de cozinheiro. Porque eles não podiam sair em patrulha, porque não sabiam dirigir. Os que sabiam dirigir não poderiam sair porque não falavam inglês e não sabiam reportar o que estava vendo. Então tive alguns pesos mortos por não cumprimento da regra. E isso sobrecarregava os outros e eu era cobrado por isso.

○ senhor viveu alguma outra grande dificuldade?

Alte José Carlos – Eu era presidente da Comissão de Investigação das Violações do Acordo, que também me obrigava a viajar muito e me deu alguns problemas. Os dois lados sempre se acusavam mutuamente. Eu era obrigado a viajar de um lado para o outro para verificar. Até acusações em relação ao Brasil houve. Um dia eu estava em uma reunião, levantou-se o General representante da UNITA, afirmando que eu não tinha isenção para estar sentado ali, porque o meu país estava vendendo armas para o outro lado. Eu disse: - Desconheço. Pedi para interromper a reunião para verificar a acusação. No final, ele tinha parte da razão. Não foi o Brasil quem vendeu, mas as armas eram brasileiras. O mercado paralelo de armas tinha vendido algumas baterias de foguetes ASTRO para o governo angolano. Todo mundo desconhecia, o embaixador, o Itamarati. Mas a verdade, é que a culpa caiu nas nossas costas, porque a arma era fabricada no Brasil.

Vossa Excelência identificou algum fator que tenha facilitado vosso trabalho na missão?

Alte José Carlos - Praticamente na cúpula da missão falávamos português, pois o Chefe do Estado-Maior era um Coronel português. Eu tinha dois atributos que facilitaram o acesso aos dois lados. Eu, como “bom negão”, tinha afinidade da cor, além disso, eu já tinha cabelos brancos, o que realmente, naquele continente, conta muito. Às vezes a gente chegava e era tratado como “o mais velho” (tom enfático). Então a minha palavra passou a ter um certo peso por causa desses três fatores. Eu tinha a afinidade da língua, a mesma cor de pele que eles e tinha já um aspecto de senil. Isso me ajudou muito no trabalho, me ajudou

muito no andamento da missão. Realmente o brasileiro é muito bem recebido, muito querido pelo angolano. Tanto que eles vêem o Brasil como um país-modelo das colônias portuguesas. Pela visão do angolano, é um país que deu certo. As arestas que tinham eram devido ao embate político que estava havendo no momento, porque quando está todo mundo querendo ganhar um pedacinho, aproveita-se de qualquer motivo para tentar levar vantagem. Isso às vezes trazia alguns problemas, mas de maneira geral, tanto do lado da UNITA quanto do lado do governo, nós éramos muito bem aceitos.

Verificamos que ao longo da carreira Vossa Excelência serviu no CIASC em duas ocasiões: como instrutor e Superintendente. Depois da breve visita que nos fez hoje e das informações que vos foram passadas, Vossa Excelência considera que o patamar alcançado contempla as metas sonhadas à época em Vossa Excelência aqui serviu?

Alte José Carlos – Eu acho que ultrapassou. Vou falar pela minha experiência de aluno e de instrutor Oficial do Departamento de Administração. O aluno, durante algum tempo, só recebia trote. O aluno que vinha aqui para fazer especialização, para fazer a formação, a única coisa que ele fazia muito, era faxina e ordem unida. Sala de aula era pouco. Eu vivi essa época, senti esse problema quando eu fui aluno e depois quando fui chefe do Departamento da Escola de Operações Anfíbias e Superintendente de Ensino. Hoje em dia, já tive a oportunidade de conversar com alguns ex-alunos que saíram recentemente do CIASC - eles falam maravilhas. Eles vêm aqui, para efetivamente serem formados, especializados, aperfeiçoados, o que não víamos há um tempo. Então, pelo que eu tenho tido de notícia e pelo que eu vi, o CIASC teve um salto de qualidade, não só nas instalações, mas também na preparação do pessoal.

O Centro de Estudos está ativando o Sistema de Lições Aprendidas, que registrará nossas experiências em diversos campos de atividades, inclusive nas Operações de Paz. Em que medida Vossa Excelência julga que essa atividade pode auxiliar na preparação dos futuros observadores Fuzileiros Navais em missões de paz?

Alte José Carlos - Isso é fundamental. Cada missão é uma missão. As lições aprendidas são de uma importância enorme, porque formarão um banco de dados e nós não vamos mais ser surpreendidos. Quando se vai lá, já se tem uma idéia do que pode acontecer.

Por fim, gostaríamos de saber se Vossa Excelência tem alguma mensagem para deixar para os Fuzileiros Navais que são alunos no nosso Centro de Instrução.

Alte José Carlos – Que aproveitem. Aproveitem essa passagem pelo CIASC, particularmente agora, depois que o CIASC está com essa nova mentalidade; é uma oportunidade única.